

DWARF, UM MITO SUBVERSIVO

Alcione Lucena de Albertim*†
Universidade Federal da Paraíba

Resumo:

Este artigo propõe uma leitura de “O Aniversário da Infanta”, de Oscar Wilde, buscando examinar a intertextualidade com o mito de Narciso, narrado por Ovídio, nas *Metamorfoses*. A análise explora o estudo dos elementos simbólicos presentes no texto, que são a chave para a identificação do mito na narrativa.

Palavras-chave: Intertextualidade, Mito, Símbolo

Abstract:

This article proposes a reading of “The Birthday of the Infanta”, by Oscar Wilde, in order to examine the intertextuality with Narcissus’ myth, narrated by Ovid, in *Metamorphoses*. The analysis explores the study of the symbolic elements presented in the text, which are the key to the identification of the myth in the narrative.

Keywords: *Intertextuality, Myth, Symbol*

Introdução

A proposta deste trabalho é examinar a intertextualidade existente em “O Aniversário da Infanta”, de Oscar Wilde, com o mito de Narciso, narrado por Ovídio, na sua obra *Metamorfoses*, segundo a conceituação de Julia Kristeva, do texto como absorção e transformação de outro texto. Visamos mostrar o caráter subversivo do conto, sobretudo em relação ao referido mito.

A história conta a comemoração do décimo segundo aniversário da princesa da Espanha. A narrativa começa com a descrição do ambiente palaciano, denotando uma atmosfera de cuja magnificência e *glamour*, depreendemos a artificialidade dos seus habitantes. O jardim é colorido e imponente, com pedantes flores e preguiçosos lagartos. Os trajes das crianças convidadas para a festa são exuberantes e luxuosos, coadunando com o seu comportamento arrogante e frio. O rei, cujo sofrimento pela morte da esposa há mais de onze anos tornou-o triste e melancólico, não participa dos festejos à filha, permanecendo ausente na sua vida.

Para o deleite da princesa e dos seus convidados, são apresentadas várias performances durante a solenidade: a luta com o touro mecânico; a dança dos garotos da Igreja de *Nuestra Señora Del Pilar*; os ciganos com suas danças exóticas; e por último, o espetáculo do Dwarf. Após a sua apresentação, ele sai em busca da infanta pelo palácio, a fim de dizer-lhe o quanto a ama, e o quanto poderiam ser

* Trabalho apresentado à disciplina Literatura Latina, ministrada pelo professor Fabricio Possebon (UFPB).

felizes na floresta, seu lar, onde tudo é simples e aconchegante. Dwarf era filho de lenhadores e havia sido aprisionado por caçadores para dançar na festa da princesa. Quando entra na arena e vê a menina, encanta-se por ela, sobretudo depois que recebe uma rosa branca das suas mãos. Seu aspecto grotesco e seu modo desajeitado causam a zombaria de todos. Entretanto, a inconsciência da própria aparência e a sua inocência não deixam que perceba a realidade, julgando os risos dos presentes como elogio à sua dança. Depois de muito procurá-la, por várias salas e quartos, chega a um que é o mais bonito de todos. Lá encontra uma parede de espelhos, deparando-se com alguém que pensa ser a infanta. No entanto, vê que se trata da imagem de um monstro, compreendendo, em seguida, que está olhando para o próprio reflexo. Sua dor é tão grande, que não suporta e morre. No entanto mais insuportável do que o horror que sente pela própria imagem, é saber que foi escarneado por todos, principalmente pela princesa.

1. O aniversário da infanta: relações de intertextualidade

A subversidade é característica eminente em “O Aniversário da Infanta”. Trata-se de um texto com a estrutura de conto de fadas, tendo como personagens a princesa, o rei, flores e animais que falam; e como cenário, apresenta o palácio e a floresta. Entretanto, o fim contradiz o intuito moral que se deve alcançar neste tipo de narrativa. O bem é punido em detrimento do mal.

O mundo da Infanta é guiado por valores externos. A aparência grotesca do Dwarf, sua liberdade e sua espontaneidade quebram o padrão de beleza, as regras e a formalidade que regulam o palácio. O monstro, caracterizado pela deformidade da forma, serve para a legitimação do humano. Entretanto, neste contexto, a concepção de humano diverge da sua definição comum: *que mostra piedade, indulgência, compreensão para com outras pessoas* (Houaiss 2001:1555). As crianças do palácio são miniaturas dos adultos, frias, cruéis e artificiais, apesar da aparência infantil. O Dwarf é feio e desajeitado, mas tem um coração puro e crédulo. Ao se deparar com o espelho, vê no reflexo a imagem que o palácio tem dele, e não o que é de fato. Ele perde a sua identidade e passa a ver a si mesmo com os olhos daquele mundo. Não suporta e morre.

O mito de Narciso narra a história de um jovem rapaz, filho do rio Cefiso e da ninfa Líriope. Muito belo, mas muito orgulhoso, permanecia indiferente e insensível ao amor. Ao nascer, sua mãe, receosa por seu filho possuir tanta beleza, deseja saber se ele viverá muito tempo. Ela interroga o vaticinador Tirésias, que lhe responde: *Sim, se ele nunca descobrir a si mesmo* (Ovídio 2003: 60). Durante uma caçada, Eco se apaixona por ele, mas não declara seus sentimentos, pois nunca é a primeira a falar. Eco era uma ninfa que falava muito. Um dia, ao ajudar Zeus em uma das suas aventuras amorosas, tentando distrair Hera, esposa do deus, com sua logorréia, é punida pela deusa. Tendo a língua atrofiada, é condenada a nunca começar uma conversa e a apenas repetir as últimas palavras que ouve. Ela deseja se aproximar dele com palavras carinhosas, mas a sua natureza a proíbe. Ela apenas responde ao

que ouve. Narciso se perde dos companheiros, enquanto caçava, e começa a chamar por eles: “Tem alguém aí?” E Eco respondia “Aí”. Ele olhou para os lados, intrigado, e chamou mais alto “Venha até mim!”, “Venha até mim” foi a resposta que obteve. Ele olhou para trás, e não viu ninguém se aproximando; “Por que você foge de mim?”, e ouviu sua pergunta repetida nas árvores. “Vamos ficar juntos!” Não havia nada que Eco quisesse mais repetir do que isso, “Vamos ficar juntos!” E para reforçar suas palavras, saiu do bosque com os braços prontos para enlaçar o pescoço dele. Mas Narciso se retraiu: “Fique longe de mim! E não me toque! Eu morreria antes de lhe dar alguma chance” (Ovídio 2003: 62). Eco, envergonhada, esconde-se em cavernas solitárias e definha até a morte. Seus ossos viram pedras, mas sua voz ainda vive, sempre repetindo o que ouve.

Houve outras que Narciso desprezou, até que uma delas rogou à Nêmesis, a Justiça Universal, que o castigasse. Então, certa vez, no campo, ele se aproxima de uma fonte límpida que nunca homem ou animal algum havia tocado, para se dessedentar. Percebe sua imagem e imediatamente se apaixona por ela. Sem saber, deseja a si mesmo. Consumido por essa paixão, não se alimenta e nem dorme, e começa a definhar. Quando compreende que ama a própria imagem, deseja morrer. Seu corpo desaparece, e no seu lugar surge uma flor cujas pétalas são brancas: o narciso.

Quando a infanta entrega a rosa branca ao Dwarf, ele pensa que seu gesto é uma demonstração de amor, e não de escárnio. Ele sente renascer com a feliz possibilidade de compartilhar o seu amor e sua vida na floresta com a princesa. A atitude da menina funciona como prelúdio do seu fim, anunciando que o amor o conduzirá à morte.

Segundo Chevalier:

A rosa tornou-se um símbolo de amor e mais ainda do dom do amor, do amor puro... A rosa como flor de amor substitui o lótus egípcio e o narciso grego. (Chevalier 1982: 788)

Em todo pensamento simbólico, a morte precede a vida, pois todo nascimento é um renascimento. Por isso, o branco é primitivamente a cor da morte e do luto. (Chevalier 1982: 141)

A rosa branca, no conto, remete ao narciso do mito, aludindo ao personagem mitológico, cujo fim é análogo ao do Dwarf, mas de modo subversivo. A semelhança entre as duas narrativas pode ser comprovada ao longo da história, a partir da comparação da passagem do reconhecimento dos personagens em relação a si mesmos, quando ambos se deparam com o reflexo da própria imagem.

Fazemos a transcrição das passagens das duas narrativas, para efeito de comparação:

It was a monster, the most grotesque monster he had ever beheld. Not properly shaped as all other people were, but hunchbacked, and crooked-limbed, with huge lolling head and mane of black hair. The little Dwarf frowned, and the monster frowned also. He laughed, and it laughed with him, and held its hands to its sides, just as he

himself was doing. He made it a mocking bow, and it returned him a low reverence. He went towards it, and it came to meet him, copying each step that he made, and stopping when he stopped himself. He shouted with amusement, and ran forward, and reached out his hand, and the hand of the monster touched his, and it was as cold as ice. He grew afraid, and moved his hand across, and the monster's hand followed it quickly. He tried to press on, but something smooth and hard stopped him, the face of the monster was now close to his own, and seemed full of terror. He brushed his hair off his eyes. It imitated him. He struck at it, and it returned blow for blow. He loathed it, and it made hideous faces at him, he drew back, and it retreated.

What is it? He thought for a moment, and looked round at the rest of the room. It was strange, but everything seemed to have its double in this invisible wall of clear water...

Was it Echo? He had called to her once in the valley, and she had answered him word for word. Could she mock the eye, as she mocked the voice? Could she make a mimic world just like the real world? Could the shadows of things have colour and life and movement? Could it be--?...

When the truth dawned upon him, he gave a wild cry of despair, and fell sobbing to the ground. So it was he who was misshapen and hunchbacked, foul to look at and grotesque...Why had they not left him in the forest, where there was no mirror to tell him how loathsome he was? Why had his father not killed him, rather than sell him to this shame? (Wilde 1994: 239)

Enquanto tentava saciar sua sede naquela água, no mais profundo de seu ser, um outro tipo de sede começou a crescer quando viu uma imagem na lagoa. Apaixonou-se por aquela imagem sem corpo, e encontrou substância em algo que era apenas um reflexo. Olhava embevecido para a água, encantado consigo mesmo, enfeitiçado, totalmente petrificado como uma estátua de mármore. Inclinando-se, vê seus olhos, suas estrelas gêmeas, a cabeleira atraente como a de Baco ou do deus Apolo, pele macia, um pescoço de marfim, a beleza radiante da sua fisionomia, e então um corado leve aflora na pele alva. Tudo o que o atrai é o que faz dele tão atraente. Tolo rapaz, ele quer a si próprio; o amante virou o amado, o perseguido, o perseguidor. Tenta várias vezes beijar a imagem refletida na água, afunda nela seus braços na tentativa de abraçar o rapaz que vê ali, e constata que o rapaz, ele mesmo, é esquivo, sempre... “Sei a verdade, finalmente. Você é eu! Sinto isso, reconheço minha imagem agora. Ardo de amor por mim mesmo; eu próprio ateei o fogo que agora me queima. O que devo fazer? Devo dar ou tomar a pergunta? O que devo perguntar? O que eu desejo está comigo, minhas riquezas me fazem pobre. Se ao menos pudesse escapar de meu próprio corpo! Se ao menos pudesse...sei que não tenho mais ânimo para viver, devo morrer cedo, e a morte não me parece tão terrível assim, já que arranca de mim o meu problema; fico triste apenas porque o rapaz que amo deve morrer; morreremos juntos!” (Ovídio 2003: 64)

Primeiramente, ambos os personagens não têm consciência de que se trata do reflexo da própria imagem. Começam a gesticular, tentando reconhecer o ser que

está diante deles. O primeiro sente horror da monstruosidade que vê; o segundo embevece-se com a beleza que contempla. Narciso e Dwarf têm como característica comum a dualidade. Os dois encontram a morte quando se deparam com o reflexo da própria imagem, com o seu duplo. Entretanto, no momento do reconhecimento de si mesmos, o desejo de morrer de ambos é suscitado por motivos opostos, mas equivalentes. Narciso encanta-se com a beleza que possui, desejando não possuí-la; Dwarf horroriza-se com a própria deformidade, desejando nunca tê-la visto.

A alusão a Eco, na primeira citação, a quem o Dwarf diz haver chamado uma vez, na floresta, e a qual respondeu palavra por palavra, remete ao papel de *alter ego* que um desempenha em relação ao outro. Logo que Eco encontra-se com Narciso, apaixona-se por ele, assim como o Dwarf enche-se de amores pela princesa, no momento em que a vê. Ambos têm o seu amor repudiado.

Considerações Finais

Assim, comprovamos a intertextualidade entre as duas narrativas, a partir da identificação dos elementos simbólicos presentes no conto, relacionando-os com o mito referido. Através da comparação das histórias de Narciso e do Dwarf, mostramos a analogia existente entre elas, no entanto, subversiva.

Referências Bibliográficas:

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (2001). *Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Trad. Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro, José Olympio.

HOUAISS, Antônio (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva.

KRISTEVA, Julia (1969). *Sèméiotikè: recherches pour une sémanalyse*. Paris, Seuil.

MENDONÇA, Jeová Rocha de (1999). *A Reading of Oscar Wilde's "The Birthday of the Infanta"*. In *Letra Viva*. João Pessoa, Ed. Universitária, pp.180-190.

OVÍDIO, (2003) *Metamorfoses*. Trad. Vera Leitão Magyar. São Paulo, Madras.

WILDE, Oscar (1994). *The Complete Oscar Wilde*. London, Tiger Books International.

Recebido em: 20/09/2004

Aprovado em: 15/04/2005